

Mãe-pátria ou pátria-mãe: quem acolhe o timorense?

Cíntia Shwantes¹

Rosilene Silva da Costa²

Resumo: Timor-Leste logo após a independência de Portugal sofreu uma invasão por parte do vizinho Indonésia, o que gerou uma situação de conflito e guerra e incentivou ainda mais a saída dos timorenses do país. Esse deslocamento dos nacionais para a metrópole não é um movimento novo quando se trata de países colonizados, mais ainda, daqueles colonizados pelos portugueses. O caso de Timor-Leste é, contudo, peculiar, não apenas no sentido de que cada país tem sua história, mas no sentido de que os timorenses se afirmam no seio de uma lusofonia que lhes pertence há mais de quatro séculos, mas que não os acolhe ou os recebe como portadores legítimos desta. Assim, enquanto o Brasil, já conquistou a sua identidade nacional, bem como outros países lusófonos africanos, mesmo com independência mais recente, já se identificaram a partir de suas próprias histórias, Timor-Leste ainda não se encontrou enquanto protagonista de sua própria história e não se apropriou de sua identidade. O timorense vive em trânsito entre Portugal e Timor-Leste e em conflito entre se identificar com a Pátria-mãe ou se identificar com a Mãe-Pátria. Neste trabalho, nossa intenção é demonstrar este conflito através de uma leitura pós-colonial do primeiro livro do escritor Luis Cardoso que apresenta a trajetória da personagem Lucas Santiago.

Palavras-chave: Timor-Leste. Pós-Colonialismo. Literatura.

¹ Doutora em Literatura e Professora Adjunta de Literatura de Língua Inglesa e Teoria Literária da Universidade de Brasília, vinculada à linha de pesquisa Representação na Literatura (Orientadora).

² Doutoranda de Estudos Literários da Universidade de Brasília (UnB) vinculada à linha de pesquisa Representação na Literatura (Orientanda).

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 15	n. 24	p. 189 - 202	Recebido em: 29 abr. 2013. Aprovado em: 05 ago. 2013.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	----------------------------------------------------------

Desejo apresentar neste texto um breve estudo sobre a personagem Lucas Santiago que perpassa os três primeiros romances do timorense Luis Cardoso. A obra do escritor timorense, primeiro romancista do país, é objeto da pesquisa de doutorado que tenho desenvolvido à luz das teorias pós-coloniais, basicamente a partir do que é proposto por Homi Bhabha e Stuart Hall. Contudo, além de estar pesquisando aspectos do pós-colonialismo na obra do escritor, tive a oportunidade de viver por 14 meses em Timor-Leste. Lembro que quando cheguei a Díli (capital do país) pensei que a cidade vivesse algum momento de festa, pois em todos os lugares havia bandeiras do país, símbolos políticos e outros signos que remetiam à nacionalidade. Conforme fui conhecendo as pessoas, percebi que estes símbolos eram necessários para assegurar uma identidade nacional que lá ainda é frágil. Nós brasileiros hasteamos a bandeira em momentos solenes ou quando estamos fora do país, pois desejamos que ela nos identifique. Os timorenses, mesmo em seu país, precisam da bandeira para se afirmar enquanto estado independente e autônomo, além disso, a nacionalidade recentemente conquistada transforma toda cerimônia e todo local em solene.

Nestes tempos de convivência com os timorenses, outro fator que muito me intrigava era a adjetivação usada para se referir à comunidade lusófona, e mais ainda, a forma como os timorenses referem-se a Portugal e ao seu país, de forma que as expressões pátria-mãe e mãe-pátria têm usos diferenciados mesmo nas atividades do cotidiano. A hipótese inicial é de que pátria-mãe, usada para se referir a Portugal, tem um sentido histórico e uma identificação que se dá pelo uso da Língua Portuguesa. Já mãe-pátria refere-se a Timor-Leste, a terra de nascimento dos timorenses, e adquire um sentido de identificação sentimental, de vínculo, de pertencimento natal, logo tem um caráter cívico.

Até ouvir estas expressões em Timor-Leste, elas me pareciam sinônimas, pois eu vivo em um país que é minha pátria-mãe e minha mãe-pátria. No entanto, em Timor-Leste isto começou a receber outra roupagem, quando percebi que os timorenses faziam distinção entre as duas expressões, fato percebido principalmente quando conversávamos em língua inglesa, em que

pátria-mãe (homeland) e mãe-pátria (motherland) ecoavam com sentidos bastante diversos. Outro fator que me chamou atenção foi a forma como os timorenses referiam-se ao Brasil: eles usavam a expressão país-irmão, ou seja, no imaginário deste povo, existe uma família que se forma a partir do país colonizador (Portugal) e pelo posterior uso da Língua Portuguesa.

Como já havia dito Fernando Pessoa, “minha pátria é a língua portuguesa”, ou seja, parece que existe uma lógica de criação de laços familiares ou, na verdade, de criação de uma única pátria, a partir da língua. Este espaço lusófono em que todos os falantes de português são irmãos adultos e independentes, filhos de uma mãe que lhes deu liberdade, constitui uma comunidade imaginada. Digo que “ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). Assim, a comunidade imaginada que se organiza a partir da Língua Portuguesa faz sentido e tem valor simbólico para os seus compatriotas. Existe a ideia de um nós, de uma coletividade, independente das desigualdades e hierarquias que a compõe.

Contudo, os integrantes desta comunidade imaginada, chamada Língua Portuguesa, vivem em nações/países, as quais Bhabha (2007) percebe como um “espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural” (BHABHA, 2007, p. 209-210). Assim, as ideias de nação e de comunidade imaginada nos auxiliam na reflexão sobre a situação de Timor-Leste.

Os timorenses vivem e precisam viver um ideário nacionalista que lhes dá a noção de pertencimento a uma cultura, a um local, daí a constante retomada dos símbolos nacionais, que reforçam o conceito de nação como localidade. Apresentar estes símbolos nacionais é uma forma de representar o sentimento nacional e reforçar que Timor-Leste é um país independente, ou seja, a nação é uma comunidade simbólica - a comunhão e a integração nacionalista de seus membros dependerão da força que

*Mãe-Pátria ou
Pátria-Mãe: Quem
acolhe o timorense?*

os elementos simbólicos exercem sobre elas. Ao mesmo tempo, asseverar que se é parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e com ela se mantém laços familiares, que se dão pelo uso da língua e pela colonização, insere os timorenses no mundo globalizado.

Diante do dito até aqui, surgem duas questões sobre Timor-Leste. A primeira questão refere-se à dificuldade enfrentada pelo indivíduo em Timor-Leste: como constituir a identidade do sujeito em um país que se afirma em uma comunidade imaginada, mas ao mesmo tempo necessita manter os símbolos que asseguram a identidade nacional? A segunda questão é mais delicada porque envolve uma série de necessidades deste sujeito da primeira questão: quem acolhe o timorense? Uma possível resposta para estas duas perguntas se dará a partir da leitura crítica do livro *Crônicas de uma travessia*, primeira obra publicada por Luis Cardoso em 1997. Neste livro, o autor apresenta a trajetória de Lucas Santiago, desde sua infância e adolescência em Timor-Leste até a sua ida para Portugal e os primeiros anos de vida neste país.

Luckaks nos apresenta a personagem problemática que está no centro do romance, um herói que tem um “encerramento maníaco em si mesmo” (LUKÁCS, 1933, p. 113). Este encerramento faz com que as suas ações não sejam legitimadas ou aceitas na sociedade, advindo daí o seu conflito com o coletivo: “Assim o máximo de sentido adquirido pela experiência vivida torna-se o máximo de não-senso: a sublimidade torna-se loucura, monomania” (LUKÁCS, 1933, p. 113). De alguma forma, isto é o que acabamos por nos acostumar com as leituras que fazemos, esta é a definição de nossos heróis. No entanto, quando nos deparamos com o romance contemporâneo dos países periféricos, encontramos um herói também em crise, entretanto, este herói não é mais um indivíduo, mas encarna a narrativa de uma coletividade. Glissant (1990) diz que o “O *Nós* transforma-se no lugar do sistema generativo, e no verdadeiro sujeito³” (GLISSANT, 1990, p. 258). Lucas Santiago vem protagonizar esta coletividade timorense, pois a sua trajetória é comum a muitos timorenses, especialmente para aqueles que decidem por uma formação acadêmica.

Ainda menino Lucas relata a sua dificuldade para apre-

³ Tradução minha

nder a língua portuguesa, língua do colonizador, língua que não representa o seu povo. Língua que anula as línguas daquele sujeito que até aquele momento de entrada na escola e alfabetização não as usava, que provavelmente falava mais de um idioma em sua casa, pois os seus pais vinham de regiões diferentes, mas eram falantes de tétum (língua nacional).

Foi me ensinado primeiro a catequese em tétum, depois o hino nacional em português e finalmente algumas canções sacras em latim. Mais tarde a escrever o alfabeto, os números, a tabuada. As palavras na cartilha, r-o-ro-l-a-la e dizia *lakateu* em tétum porque era o *lakateu* que lá estava configurado. Era o *lakateu* que guardava na minha cabeça e no meu bolso, apanhado em perseguições dolorosas na altura das chuvadas, e que de asas molhadas e cansadas desistia facilmente. G-a-gal-o-lo e dizia manu-aman em tétum porque era o manu-aman que estava pintado sem as cores festivas das lutas de galo aos domingos no bazar. (CARDOSO, 1997, p. 37-38)

Mãe-Pátria ou
Pátria-Mãe: Quem
acolhe o timorense?

193

Neste relato, percebe-se que a língua portuguesa foi sendo imposta à personagem de uma maneira que não lhe fazia sentido, ou seja, ele apesar de decorar as palavras não consegue contextualizá-las.

1 LUCAS SANTIAGO: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A identidade de Lucas Santiago é formada entre várias línguas, porém a língua valorizada para inseri-lo no mundo globalizado é a língua do colonizador, daí a necessidade de aprendê-la. No primeiro momento ela anula a identidade do timorense, mas depois ela será o veículo que

impulsionou “A voz de Timor” para melhor mediatizar os seus eventos protagonizados em actos solenes, sobretudo depois da vinda de um jornalista timorense formado em Moçambique e que fizera reportagens sobre a guerra naquele território. Era o Ramos-Horta que o élan de repórter de guerra. (CARDOSO, 1997, p. 78).

É importante ressaltar que a personagem Lucas Santiago advém de uma família de nível médio: seu pai era enfermeiro

e sua mãe vinha de uma família tradicional do pequeno país. A formação da família e os trânsitos dela dentro do território já apontam para fragmentação de nosso protagonista. Ele nasce em Cailaco (leste do país) e ainda pequeno se transfere com a família para a ilha de Ataúro, que fica no norte. Essa mudança é muito significativa para a família, pois é quando eles tomam contato com outras formas de viver. A mãe de Lucas Santiago se revolta com a ordem de “substituir os seus trajes tradicionais pelos vestidos ocidentais” (CARDOSO, 1997, p. 52), e é então apontada uma dificuldade de compreensão das mudanças que se prenunciavam. A mãe “não se sentia trajada para o ridículo, vestida de vestido e mascando a masca” (CARDOSO, 1997, p. 52). Até aquele momento não parecia possível conciliar o que mais tarde se chamou de moderno. Assim, para aquela mulher, usar roupas ocidentais por imposição era mais uma forma de violência e anulava a sua identidade tradicional. Percebe-se assim que mesmo que o pai de Lucas Santiago fosse um homem graduado, que dispusesse de um posto no serviço do país, que ele e sua família usassem a língua do colonizador, a sua cultura o relegava a outridade, ou seja, diante do colonizador ele sempre seria o outro, o bárbaro, aquele que precisa ser civilizado. Este indivíduo colonizado tem duas opções: ele pode anular-se por completo, abrindo mão de sua cultura considerada inferior ou inexistente, ou ele pode revoltar-se contra o colonizador recusando o que ele oferece mesmo que ele venha oprimi-lo.

Este não é o movimento que ocorre em Timor-Leste, pois conforme Lucas Santiago vai crescendo, ele faz novos trânsitos dentro do país, o que nos oportuniza ver essa “adaptação” ao que o colonizador pregava. Quando já no final da adolescência, Lucas Santiago recebe um presente do pai por ter tido boas notas nos estudos:

Dito e feito. Deixou que eu pudesse exibir uma longa cabeleira e levou-me ao alfaiate chinês que me fez um par de calças à boca de sino que arrastavam pelo chão como se as minhas pernas tivessem sido encomendadas para vassouras ambulantes. (CARDOSO, 1997, p. 87)

Percebe-se uma tentativa de assimilação, que se dá por aprender a língua do colonizador, por trocar a sua cultura pela

dele e por adquirir os seus hábitos, o que é muito perceptível na atitude do pai da personagem. Percebemos que há toda uma motivação para que o filho estude, pois estudar seria uma garantia de ascensão social:

Esquecera as prioridades e algumas negativas nas pautas trouxeram-me o ultimato paternal de que ali era o único sítio viável onde eu tinha hipóteses de estudar. Que um chumbo significava a perda da vocação e o total comprometimento do futuro. Uma catástrofe para a família. Significava o abandono da esperança, ser atirado em desespero para a periferia de Díli, indo engrossar a longa lista daqueles que esperavam uma oportunidade no funcionalismo e na salvação temporária do serviço militar. (CARDOSO, 1997, p. 67)

*Mãe-Pátria ou
Pátria-Mãe: Quem
acolhe o timorense?*

Estudar permitia uma rápida ascensão social, contudo, nem todos tinham as mesmas oportunidades:

o insucesso escolar era elevado para quem vivia na periferia, tinha o mar por perto que concedia uma certidão à parte, os parentes distantes e uma coabitação tão diferenciada. (...) Raros eram aqueles que tinham a oportunidade de aventurar-se no terceiro ciclo e sonhar com uma bolsa de estudos para a metrópole. (CARDOSO, 1997, p. 76-77).

Lucas Santiago logra sucesso, pois todos os seus trânsitos para estudo dentro de seu país levam-no para Portugal. A sua ida ainda ocorre em momento oportuno, pois ele parte dias antes do início da ocupação indonésia. Assim ele relata que “na despedida, vi o rosto dos meus parentes satisfeitos como se tivessem enviado uma encomenda para um sítio distante e seguro. Depois quando me viraram as costas abraçaram-se e choraram à espera do tal momento que me excluíram” (CARDOSO, 1997, p. 111).

Refletir sobre as relações deste período colonial em Timor-Leste, nos remete a violência sofrida pelos colonizados, e também à forma como as concepções de mundo ocidental foram introjetadas como sendo as boas e validas. Segundo Boaventura de Souza Santos, diz que “esta violência nunca foi incluída na autorrepresentação da modernidade ocidental porque o colonialismo foi concebido como missão civilizadora dentro do marco historicista ocidental nos termos do qual o desenvolvimento europeu

apontava o caminho ao resto do mundo” (SANTOS, 2006. p. 27, 28).

De acordo com Woodward (2004), “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD 2008, p. 18). As relações de poder não consideram as identidades e as culturas dos sujeitos, elas os conformam de acordo com os interesses dos grupos dominadores. Destarte, estas identidades são construídas por um conjunto de significados sociais, o que segundo Stuart Hall (2003) “é um efeito de poder”.

2 LUCAS SANTIAGO: TRÂNSITOS E ACOLHIMENTO

A palavra trânsito sugere movimento, ou seja, para transitar o indivíduo precisa se movimentar, sair de sua região. A imagem de região estabelece estreita relação com a ideia de nação, pois o processo de institucionalização conceitual da região pode ser comparado à tentativa de consolidação do conceito de nação. Bourdieu (2007) diz que a região é “produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior de relações de forças no campo das lutas pela delimitação legítima” (BOURDIEU, 2007, p. 115). A configuração desta região se dá através do discurso, daquele dito racional, que delimita uma unidade como nação e a divide em regiões. Bourdieu chama este discurso de regionalista, porque ele impõe fronteiras que são dadas como legítimas. Bhabha (2007) vê este mesmo discurso como performativo, e diz que sua eficácia está no princípio de pertinência da sua visão e da sua divisão, em outras palavras: os membros do grupo precisam se reconhecer, acreditar e possuir propriedades econômicas e culturais nesta construção imposta pelo discurso.

Lucas Santiago começa os seus trânsitos ainda em solo timorense. O deslocamento é um tema recorrente nos romances dos jovens países de língua portuguesa. Em cada narrativa costuma haver dois ou mais lugares dotados de grande significação. Esses deslocamentos, se não são geográficos, são temporais, pois os romances oferecem visões de locais para onde as personagens migram ou apresentam lembranças do passado que estão vivas

e persistentes, e de que de alguma forma se relacionam com o tempo presente. Assim, seja no lugar físico ou no tempo, o romance contemporâneo dos países periféricos costuma apresentar estes deslocamentos, ou seja, temos personagens diaspóricas. A personagem que aqui estudamos começa a viver a experiência da diáspora ainda jovem e dentro de seu país, quando a família, movida pelas necessidades da mãe-pátria, precisa sair de sua terra natal para servir as necessidades da metrópole. Apesar de a saída ter sido em liberdade, ou seja, não houve uma escravidão, ela não foi menos violenta, pois a personagem revela, em vários trechos, a sua necessidade de voltar ou mesmo de saber responder de onde ele era:

*Mãe-Pátria ou
Pátria-Mãe: Quem
acolhe o timorense?*

197

Quando desci à cidade de Díli – à cidade desce-se sempre, ainda que se tenha feito travessia por mar -, foi-me recomendando bastas vezes para não me esquecer nunca do local do meu nascimento. Tinha-me repartido por várias terras. Quando me perguntavam donde eu era, dizia sempre que era de Ataúro. Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu. Assim, eu deveria dizer Cailaco (CARDOSO, 1997, p. 59).

É interessante observar que Lucas Santiago tem a necessidade de responder de onde ele é, ou seja, o país, mesmo pequeno, é formado por regiões e há distinções entre elas, de forma que nem sempre havia acolhimento para aqueles que chegavam:

Quando me perguntavam pela minha proveniência enquanto eu me dividia pelo local em que havia passado, respondiam por mim, dizendo que eu era de Manufahi para depois me apelidarem de revoltoso, embora eu me esforçasse para dizer que vinha de Ataúro e procurasse convencer, durante os banhos na piscina, que era capaz de fazer melhor que os tubarões da ilha. Eu não era nada revoltoso. Além de magrinho era medroso (CARDOSO, 1997, p. 49).

Assim, em seu país de origem a personagem começa a não encontrar lugar, pois ele traz as marcas de sua região de nascimento (Cailaco), as quais não permitem que ele seja identificado como pertencente à região onde cresceu (Ataúro) e o faz sentir-se um estranho na capital do seu país (Díli). Este não “encon-

trar lugar em seu país” se constrói porque Lucas Santiago precisa migrar para ascender cultural e socialmente, é como se ele não pudesse voltar, existe uma palavra de ordem que o impulsiona a seguir. Assim começa a sua relação com Portugal, que ele e sua família esperam que seja o lugar de acolhimento, pois ele é um falante da língua portuguesa, o pai serviu a metrópole, logo lá ele estará acolhido.

Cíntia Shwantes

Rosilene Silva da
Costa

198

Mas parecia um deserto, um local silencioso e abandonado onde ecoavam o refugio do império. E como ninguém me respondia, fui perguntar ao chefe da estação que local era aquele.

- Entrocamento – respondeu-me sem me olhar.

- Entroncamento?! – perguntei novamente não acreditando no que via.

Perante minha estupefação, quiçá desilusão e como se tivesse adivinhado o propósito que me fizera deslocar a tal terra:

- O que é que esperava? – sorriu, trocista – Se vem aqui a procura de encantamento devia ter ido à Fátima. É lá que acontecem os milagres.

(...)

- Ouça lá! De onde o senhor vem?

- De Timor – respondi. (CARDOSO, 1997, p. 117)

Na diáspora, Lucas Santiago passa a viver com a fragmentação de sua identidade, se antes respondia que era de Ataúro por não querer ser identificado com Cailaco; agora seja Cailaco, seja Ataúro, seja Díli – tudo é Timor. Para Stuart Hall (2006) a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica, um constante vir a ser, que nunca estará pronto e acabado. Assim, mesmo que Lucas Santiago tenha se lançado no desconhecido, que é Portugal, a identificação com seu local de nascimento não é apagada, mas transformada e passa a fazer parte das múltiplas identificações inerentes ao sujeito deslocado, portanto, não se tem uma identidade, mas identidades.

Este sujeito de Timor que tinha a ilusão de que a mãe-pátria (*motherland*) o acolheria já que na pátria-mãe (*homeland*) ele não encontrava lugar, troca a sua ilusão de acolhimento pelo sentimento de impotência diante dos feitos da primeira. Lucas Santiago sabe que Timor estava independente de Portugal e que acontecia a ocupação indonésia. Diante disso ele esperava que Portugal, como mãe, se posicionasse em defesa do filho, mas “a

mãe-pátria sempre fora distraída com Timor e desta vez tinha o comportamento de uma madrasta”. (CARDOSO, 1997, p. 84).

Muitos timorenses, diante da paralisia da antiga metrópole acabam buscando abrigo em Portugal, quando Lucas Santiago percebe que estar na Europa não é garantia de aconchego, pois todos os timorenses lá se tornam “os retornados de Timor”. (CARDOSO, 1997, p. 115). Mesmo aqueles timorenses que já estavam em Portugal, como a personagem central deste livro, passam a temer receber os timorenses que chegavam e que “foram pouco a pouco reciclados, por quem os rejeitara como sendo os desalojados pela invasão, para chorar as suas próprias culpas” (CARDOSO, 1997, p. 115). Segundo o narrador, eles se conheciam pelos seus passados e findado o impacto do primeiro momento os pares começam a se reconhecer. Neste momento Lucas Santiago é confrontado com a sua identidade, que não se apaga apenas porque ele está na metrópole e é estudante:

Eu tinha sido descoberto. Julgava que o frio, o tempo e a latitude tivessem deformado o meu rosto e atitudes, tal como acontecia nos tempos em que funcionários, quando vinham de licença graciosa, regressavam com acentos e acrescentos da metrópole. Fiquei encantado ao perceber que a minha cabeleira afro, imitada dos Black Panthers, não conseguia esconder o meu jeito de filho da calades. (...)

Domingos sorriu. Compreendeu a minha relutância em desfazer imediatamente a carapaça de mistério com que eu me envolvia. Tomamos silenciosamente o chá e diluímos as nossas atenções, acariciando as chávenas quentes. Cada um mergulhava no passado para descobrir o presente de um e de outro. (CARDOSO, 1997, p. 121)

CONCLUSÃO

Lucas Santiago é um sujeito desterritorializado, afirmamos isto porque a narrativa de *Crônicas de uma travessia* demonstra a angústia vivida pelo sujeito deslocado do seu meio. Seja a angústia de não encontrar mais lugar em seu lugar, seja a angústia de não encontrar lugar em lugar algum. Assim “ser obrigado a esquecer se torna a base para recordar a nação, povoando-a de novo, imaginando a possibilidade de outras formas contendentes e liberadoras de identificação cultural” (BHABHA, 2007, p. 226-227).

Este livro de Luis Cardoso nos leva a uma viagem que inicia no período colonial português e nos apresenta o período posterior. Ele apresenta um mosaico de narrativas e de personagens que se relacionam com Lucas Santiago, este sujeito que se percebe como não tendo lugar em seu país e não sendo acolhido na metrópole. Mesmo que seja uma obra de ficção, a narrativa deste livro está intimamente ligada à história de Timor-Leste, ela não visa apresentar o passado como ele foi, mas através das reminiscências da personagem ela se apropria de alguns fragmentos e busca reescrever as histórias destes muitos “eus” que constituem o “nós” do romance contemporâneo. Este sujeito que perpassa *Crônicas de uma travessia* tentando se identificar sintoniza-se perfeitamente com a necessidade de reavaliação histórica, o que o autor faz por meio da arte de escrever.

Tentando responder a questão que dá título a este texto só nos resta retornar a Homi Bhabha, que diz ser imperativo compreender que o sujeito contemporâneo não é o sujeito do entrelugar, é aquele que nasce culturalmente do embate entre polos opostos: tradição e contemporaneidade, passado e presente, dependência e autonomia, centro e periferia. Estas transformações que povoam o mundo contemporâneo fazem com que os sujeitos precisem realmente recorrer a outras formas de identificação e de acolhimento, ou seja, às comunidades imaginadas. Os timorenses são acolhidos nesta comunidade, mesmo que a língua portuguesa não seja a principal língua do país. O pai de Lucas Santiago, ao não compreender isto, perde as palavras e depois a vida, e assim, no momento de sua morte “um lençol branco, como uma bandeira despida de cores e de símbolos, cobria-lhe o corpo nu e moreno. Pronto para encontrar o caminho do retorno ao monte de Cabalaqui. A morte devolveu-lhe o mote.” (CARDOSO, 1997, p. 154). Lucas Santiago, desterritorializado, mas compreendendo-se como um sujeito de entrelugar, percebe que “o encanto não passara de um autêntico *rain-fila*” (CARDOSO, 1997, p. 154).

Abstract: Timor-Leste after the independence from Portugal was invaded by neighbouring country, Indonesia, what generated a situation of conflict and war and increased even more the exit of the local population from their country. This dislocation of locals towards the metropolis is not new when it comes to colonized countries, and even more the ones colonized by Portugal. The case of East Timor is, nevertheless, peculiar, not only in the sense that every country has its history, but also in the sense that Timorese hold themselves in the midst of a lusophonic tradition that belongs to them for over four centuries, but which does not welcome or shelter them as legitimate owners of it. So, while Brazil already conquered its national identity, African Lusophone countries, even with their more recent independences, built an identity based on their own history, East Timor has not found its own history and has not taken possession of its own identity yet. Timorese people live in transit between Portugal and East Timor and have not found themselves as protagonists of their own history, and have not appropriated their own identity. The Timorese live in transit and in conflict between identifying with the homeland or the motherland. In this paper, we aim to unveil this conflict through a post-colonial reading of Luis Cardoso's first novel, which presents the trajectory of the character Lucas Santiago.

*Mãe-Pátria ou
Pátria-Mãe: Quem
acolhe o timorense?*

201

Keywords: East Timor. Post-colonialism. Literature

Referências

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima, Myriam Ávila e Glaucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CARDOSO, Luis. *Crônica de uma travessia*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*, Paris: Seuil, 1981.

_____. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da diáspora*. (org. Liv Sovik). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Lisboa: Presença, 1933.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.